

BRITO, Maria Cristina. O Jogo do duplo entre sentido e forma na performance do ator na cena da crueldade. Rio de Janeiro: UNIRIO; Professor Associado I.

RESUMO

A pesquisa “O ator no teatro da crueldade” vem sendo desenvolvida na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e busca investigar a função do ator no teatro metafísico proposto por Antonin Artaud. O último trabalho prático realizado nesse sentido, o espetáculo “O amor e a donzela no teatro da crueldade da Demanda do Santo Graal”, pretende a atualização de uma novela de cavalaria medieval segundo a poética da crueldade “O teatro e seu duplo”. Nessa perspectiva, a encenação foi concebida como um jogo de duplo estruturado como um fenômeno de intersubjetividade. Desse modo, o espaço da cena se ergue como um duplo de um espaço primordial. Nesse espaço, a encenação é um ritual que também se estrutura como um jogo de duplo. Nesse jogo acontece o rito da descoberta e dos impasses do sentimento amoroso. O ator, como um duplo do personagem, ritualiza seu trabalho através do diálogo simbólico entre os possíveis sentidos do texto e as distintas possibilidades da forma na criação da partitura no espaço. A pesquisa trata assim da encenação do duplo como fenômeno de intersubjetividade onde está presente a descoberta da relação entre o sentido do verbo e as distintas possibilidades da forma no espaço ritualístico da crueldade.

Palavras-chave: Ator. Sentido e Forma. Cena da Crueldade. Antonin Artaud.

BRITO, Maria Cristina. The play of the doublé of the meaning and the practice of the actor performance in the scene of the cruelty. Rio de Janeiro: UNIRIO.

ABSTRACT

The research “The actor in the theater of the cruelty” has been developed at Theatre School of the Federal University of the State of Rio de Janeiro and it investigates the role of the actor in the metaphysical theater proposed by Antonin Artaud. The last practical work in this direction, the play “The love and the maiden in the theater of cruelty of The quest for the Holy Grail”, aims to update a novel of medieval chivalry according to the poetics of the cruelty “The theater and its double”. From this perspective, the play has been conceived as a set of double structured as a phenomenon of intersubjectivity. Thus, the space of the scene stands as a double of a prime space. In the staging area a ritual is structured as a double play. In this play the rite of the impasses of the loving feelings happens. The actor as a dual character ritualizes symbolic dialogue between the possible meanings of the text and the different possibilities of how to create the score in space. The research deals with the staging of the double as a phenomenon of intersubjectivity in which is present the discovery of the relationship between the meaning of the verb and the different possibilities of the ritual in the space of cruelty.

Keywords: Actor. Meaning and Form. Scene of the Cruelty. Antonin Artaud.

BRITO, Maria Cristina. Le jeu du double entre le sens et la forme dans le performance de l'acteur dans le théâtre de la cruauté. RJ: UNIRIO, Professeur de l'École de Théâtre.

RÉSUMÉ

Le recherche "L'acteur dans le théâtre de la cruauté" a été développé à l'École de Théâtre, de l'Université Fédérale de l'Etat de Rio de Janeiro (UNIRIO) et cherche à étudier le rôle de l'acteur dans le théâtre métaphysique proposée par Antonin Artaud. Les derniers travaux pratiques dans ce sens, le spectacle "L'amour et la vierge dans le théâtre de la cruauté de la Quête du Saint Graal", vise à mettre à jour un roman de chevalerie médiévale selon la poétique de la cruauté "Le théâtre et son double". Dans cette perspective, le spectacle a été conçu comme un ensemble de doubles structuré comme un phénomène de l'intersubjectivité. Ainsi, l'espace de la scène est comme un double d'un espace principal. Dans la zone de rassemblement est aussi un rituel qui est structuré comme un jeu double. Dans ce jeu se déroule la découverte et le rite de l'impasse du sentiment amoureux. L'acteur comme un double caractère son travail à travers un dialogue symbolique ritualisée entre les significations possibles du texte et les différentes possibilités de façon à créer l'espace dans la partition. La recherche porte sur la mise en scène du double au phénomène de l'intersubjectivité qui est présent dans la découverte de la relation entre le sens du verbe et les différentes possibilités du rituel dans l'espace de la cruauté.

Mots Clés: Acteur. Sens et forme. Scène de Cruauté. Antonin Artaud.

O jogo do duplo entre sentido e forma na performance do ator na cena da crueldade

Com o aprofundamento dos meus estudos de *O Teatro e seu Duplo*, quando me dediquei à leitura e à análise da função do mito do Duplo na poética teatral de Antonin Artaud, minha atenção se deteve com maior consistência nesse fenômeno de intersubjetividade que se caracteriza como o duplo do sujeito.

Nesta perspectiva, como Artaud afirma em carta a Jean Paulhan, o próprio teatro é um duplo: "Esse título (o teatro e seu duplo) corresponderá a todos os duplos do teatro que penso ter encontrado há tantos anos: a metafísica, a peste, a crueldade..." (ARTAUD, 1995, p. 127). Em um sentido mais amplo, Artaud nos dirá que o teatro é um duplo da vida "se o teatro duplica a vida, a vida duplica o verdadeiro teatro" (ARTAUD, 1995, p. 127).

Estamos falando do duplo porque a pesquisa que vem sendo desenvolvida na Escola de Teatro da UNIRIO, O Ator no teatro da crueldade, voltou-se particularmente para o mito do duplo durante toda a sua última etapa de estudos. Para isso contou com a valiosa colaboração da intérprete, Prof^a. Dr^a. Maria Inês Galvão, da UFRJ; e da criativa Direção de Movimentos da Prof^a. Maria Lúcia Galvão da UERJ.

Neste período, inicialmente a pesquisa dedicou-se à atualização da teatralidade de um episódio de Demanda do Santo Graal que trata da descoberta do amor pela alma feminina. Assim, desde o início desta etapa de estudos, a pesquisa mantinha uma natureza de duplo: observar com os olhos da atualidade a teatralidade presente em obra narrativa medieval. Seria o mesmo que indagar onde a teatralidade presente na novela de cavalaria seria um duplo da teatralidade concebida nos dias de hoje.

A partir desses primeiros estudos, realizados na perspectiva da teatralidade concebida por Antonin Artaud, foi estruturada uma dramaturgia com textos do episódio da novela cavaleiresca que dialogavam com fragmentos da obra de Artaud, marcadamente quase na sua totalidade, de Cartas de Rodez e um fragmento de Teatro Oriental e Teatro Ocidental, ensaio presente na sua poética da Crueldade

Com a construção da dramaturgia, investigou-se em seguida a própria encenação na perspectiva do duplo. E os elementos que a estruturam foram concebidos nesse sentido.

Desse modo temos no texto dramaturgico a narrativa de um fato, isto é, a descoberta e a impossibilidade do sentimento amoroso. Depois, temos a maneira como a narrativa é concebida no espaço, isto é, a proposta de uma encenação, como um ritual realizado pela Donzela que teria se enamorado do cavaleiro Galaaz. No ritual ela busca reviver e eternizar o inusitado momento da descoberta do amor.

O ritual é uma maneira de conduzir os fatos para uma outra realidade temporal, para o tempo mítico que é de caráter de eterno retorno. Dessa forma, a fábula é encenada como uma cerimônia ritualística onde os signos que a compõem, como os gestos, a fala, os objetos como o cálice, a espada, o punhal, o boneco, a bebida etc. se estruturam com uma singular natureza simbólica.

Em um espaço que seria o quarto da Donzela, mas que é descaracterizado como tal, encontram-se apenas os elementos que simbolicamente farão parte do ritual celebrado por ela, que é filha do rei Brutos. O espaço apresenta uma neutralidade que caracteriza o lugar onde se processa o ritual.

A personagem feminina é, simultaneamente, a sacerdotisa que conduz o ritual e a Donzela, que passa pelos acontecimentos descritos. Por sua vez, a Donzela se relaciona com seus duplos. De um lado temos um eu da Donzela movido pelo sentimento amoroso e com o firme propósito de realizá-lo. E de outro lado, temos o eu da Donzela com outros duplos, isto é, com a sua ama, o cavaleiro Galaaz, e o fantasma do seu pai tentando impedi-la de se deixar levar pelo impulso do amor.

O ritual trata da vivência desse fenômeno de intersubjetividade onde a personagem se elabora a partir da versão de vários duplos que existem dentro dela e que vão estabelecer relações conflitantes. A personagem feminina é a encarnação do duplo. Desse modo, forças do eu, que representam uma

mentalidade medieval aristocrática, se opõem a forças do eu, movidas pelo amor, no sentido de impossibilitar a realização do sentimento amoroso.

Dentro deste jogo de duplos a encenação se caracteriza por manter o grande jogo do teatro como ritual. Ritual que, como duplo do teatro, tem como celebração o despertar do sentimento amoroso pela donzela. Ritual que se realiza dentro do caráter sagrado e simbólico. Ritual que tem na relação entre o tempo e o movimento o seu eterno vir-a-ser, o seu devir.

Essa relação entre o tempo e movimento estabelece uma conexão estreita entre o discurso dramático e o discurso cênico, buscando na concretude dos signos no espaço a síntese de sentidos possíveis, em imagens despertadas pelo verbo e esculpidas pelo afeto. Evidencia a relação de que nos fala Artaud, existente na identidade metafísica do concreto e do abstrato presente no teatro: “esse aspecto revelador da matéria que parece de repente desabrochar em signos para nos ensinar a identidade metafísica do concreto e do abstrato, e nos ensinar isso através de gestos feitos para durar.” (ARTAUD, 1993, p. 55).

Tal identidade metafísica é o grande objetivo e desafio misterioso e mágico que nos conduz para o universo da imagem. Imagem que se constrói e se objetiva no espaço a partir das possibilidades iniciais do texto e do seu poder sugestivo de reunião do tempo e do movimento. É nesse momento que lidamos com a grande questão da objetivação da imagem no espaço: a construção da forma.

A forma é a objetivação no espaço, ou seja, a instauração do Duplo no espaço como a identidade metafísica do concreto e do abstrato de que nos fala Artaud. E a descoberta da forma é a busca da vida em movimento. O devir. O vir-a-ser. Tudo no espaço do duplo.

A forma em *O amor e a donzela* tornou-se a expressão ritual e poética do nascimento do sentimento amoroso e suas consequências internas. Para isso, dividiu-se o rito em quatro tempos:

I- Introdução ao tempo mítico: a donzela e sacerdotisa se prepara para o ritual da descoberta do amor.

II- Desenvolvimento do tempo mítico: a entrada no espaço do sagrado onde todo o ritual terá lugar. A oferta do cálice e da bebida aos participantes que comungam da narrativa de um evento primordial: a descoberta do amor.

III- O conflito no tempo mítico: desejo de amor x impossibilidade do amor, vivido como uma luta no universo do duplo.

IV- Retorno cíclico do tempo: diante da impossibilidade da realização amorosa, há o retorno ao início da cerimônia. A descoberta do amor será novamente ritualizada pela Donzela.

Dessa maneira, a pesquisa busca nas suas distintas partes o diálogo constante entre o concreto e o abstrato que se objetiva em formas e movimento que têm um tempo e um sentido. Mergulhamos nesse momento com maior intensidade e rigor no misterioso espaço de que nos fala Peter Brook onde “o essencial é admitir a existência de um mundo invisível que é preciso tornar visível”

(BROOK, 2005, p. 49) ou o espaço da “Palavra-que-antecede-a-palavra”, sobre o qual nos confidencia Artaud: “Neste teatro toda criação provém da cena, encontra sua tradução e suas origens num impulso psíquico secreto que é a Palavra anterior às palavras” (ARTAUD, 2003, p. 55).

Buscamos assim, a construção de signos e de relações que estabelecem possibilidades de sentidos. São formas que se desenvolvem em um tempo e que estruturam uma linguagem no espaço. Essa busca traduz a pesquisa em torno de um discurso que se caracteriza pelo rigor e pela anarquia. Rigor com que as formas são elaboradas e força com que elas são dotadas para agir sobre o outro. Tal processo Artaud nomeia como a Crueldade e afirma que é inerente ao teatro. A anarquia, por sua vez, diz respeito à relação que as formas, como signos, estabelecem entre si atribuindo novos significados a signos com sentidos já estratificados. A anarquia é o fenômeno responsável pela construção da poesia no espaço. Espaço que na pesquisa escreve a poesia como encenação do mito do duplo.

A instauração do duplo estabelece a relação entre as possibilidades de sentido do verbo concebido como um discurso objetivo possível no espaço e as distintas possibilidades da forma. Constitui uma relação anárquica e poética que foi procurada na pesquisa com o espetáculo *O amor e a donzela* cuja performance é a busca da identidade metafísica do concreto e do abstrato na cerimônia ritualística do teatro.

Para chegar a essa identidade nós nos detivemos na escuta de ecos de distintos textos relacionados ao trabalho: o texto dramático propriamente dito de *O amor e a donzela no teatro da crueldade da Demanda do Santo Graal*, o texto dos movimentos, escrito por Maria Lúcia Galvão, o texto das formas e das falas interpretado por Maria Inês Galvão, o texto do tempo, do espaço, de sons, palavras etc. em todas as suas manifestações do duplo escrito na encenação. É preciso ouvir os ecos dos textos. Com os ecos construímos imagens. Definimos ou encontramos as emoções e transições. A rede de teia afetiva que se desenha em movimentos e formas no espaço. As formas constroem o sentido. Os sentidos são as formas no tempo.

Assim, objetivando na relação entre o tempo e o movimento a condução de formas em nascimento, transição e morte, desenvolvemos a encenação, objeto da nossa pesquisa, através de uma linguagem que se estrutura como a expressão do duplo no espaço.

Duplo que se revela em sentimentos, personagens, ações, fábula, espaço, tempo, relações etc. e que conduz a realidade do teatro que, na sua natureza de duplo, se encena como um ritual.

Nesse espaço do duplo, nesse tempo que é templo do duplo, a personagem se desdobra e vivencia o fenômeno da intersubjetividade. E assim o teatro encena através de duplos do sujeito a sua história, que se estrutura em ritual como um duplo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
_____. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
BROOK, Peter. *A porta aberta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
MEGALE, Heitor. **A demanda do Santo Graal**. São Paulo: Editora da USP.
1988.